

Achega para o estudo do Romanceiro de Trás-os-Montes e Alto Douro ⁽¹⁾

POR

P.º Joaquim Manuel Rebelo

Capelão do Internato Francisco Meireles (Moncorvo)
Sócio da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia
e da Sociedade de Língua Portuguesa

O bom acolhimento que esta conceituada revista prestou a um pequeno artigo que lhe enviámos em tempos passados, serviu-nos de incentivo para coligir pela ordem de recolha, que não pela do seu valor ou antiguidade, os romances que a seguir se transcrevem.

Garrett, Carolina Michaëlis de Vasconcelos, Teófilo Braga, A. C. Pires de Lima, Gonçalo Sampaio e outros já de alguns deles trataram; mas há sempre algo de novo nestas versões.

Procedendo assim cumprimos, também, em parte, o conselho que Joaquim e Fernando Pires de Lima nos dão na sua erudita obra «Romanceiro Minhoto» (1943 — pág. 6) ao escrever: «... É necessário aproveitar o material folclórico já recolhido e é necessário proceder-se, urgentemente, à colheita de romances populares e respectivas melodias, a fim de que não se perca uma grande riqueza artística».

Têm razão os ilustrados folcloristas. Por nós sentimos imenso pesar não poder dar, outrossim, as melodias destes

(1) Tomámos a liberdade de deixar este trabalho ao Senhor Prof. Dr. Joaquim Rodrigues dos Santos Júnior, ilustre Professor da Universidade do Porto e mestre consagrado da Etnografia, pelas provas de amizade que nos tem dado, e pelos preciosos conselhos que dele temos recebido neste grato labutar pela descoberta das riquezas etnográficas da postergada província de Trás-os-Montes e Alto Douro.

romances. Mas, antes que os ratos venham roer o que juntámos com tanto carinho, aqui os arquivamos, tal qual os ouvimos às pessoas que no-los «salmodiaram». Não há mutilações nem acrescentos...

1

Conde da Alemanha

Em Mateus de Vila Real, ouvimos a uma moça toda esbelta e desembaraçada este romance. O P.º Firmino Martins, no seu livro «Folclore do concelho de Vinhais», arquiva uma versão deste romance que difere bastante desta por nós recolhida, assim como da que o Abade de Baçal publicou no vol. x das suas «Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança».

*Já lá vem nascendo o sol,
 Já lá vem rompendo o dia,
 E o Conde de Alemanha
 Com a rainha dormia.
 Ninguém o sabe no palácio,
 Nem mesmo El-Rei sabia.
 Sabia só Dona Infanta,
 Filha da mesma rainha.
 Minha filha, se o sabes,
 Não o dês a descobrir,
 Que o Conde é muito rico
 De ouro te há-de vestir.
 Não quero os seus fatos d'ouro,
 Que tenho-os meus de damasco;
 Ainda o meu pai é vivo,
 Já me querem dar padastro.
 As mangas desta camisa,
 Eu não as chegue a romper,
 Que o meu pai vindo da missa
 Eu lho saberei dizer.
 Venhá, venhá, ó meu pai,
 Ouça um conto que vou contar.
 Conta, conta, minha filha,
 Que não fulgarei de te ouvir.
 Estando eu no meu tear,*

*Na minha teia a tecer,
 Veio o Conde da Alemanha
 A teia me quiz desfazer.
 Deixa o Conde da Alemanha,
 Que é rapaz quer brincar.
 Mal o hajam os seus brincos,
 E mais também o seu brincar.
 Que num braço me pegou
 E à cama me quiz levar.
 Se eu o soubesse mais cedo,
 Tinha-o mandado matar;
 Mas hoje por dois algozes
 O mandarei degolar.
 Venha, venha, ó minha mãe,
 Venha à janela do cabo,
 Ver o Conde da Alemanha
 Vestidinho de encarnado.
 Mal o hajas, minha filha,
 Fora o leite que mamaste,
 Que era um conde tão bonito
 E a morte lhe causaste.
 Cale-se lá, minha mãe,
 Pois bem se deve calar,
 Que a morte que o conde leva,
 A devia a mãe levar.*

2

O Conde de Alemanha

Esta versão ouvimo-la contar a uma mulherzinha de Longroiva, concelho da Méda.

Já lá vem o sol ao castelo,
 Já lá vem o claro dia,
 Já o conde de Alemanha
 Com a rainha dormia.
 Não o sabia toda a gente,
 Nem toda a fidalgaria,
 Só o sabia a D. Infanta
 Filha da mesma rainha.
 As mangas dessa camisa,
 Já as não chega a romper,
 Quando meu pai vier,
 Logo lhe hei-de dizer.
 Venha cá, minha menina,
 Que lhe dou um vestido d'ouro.
 Não quero o vestido d'ouro,
 Que os tenho de damasco,
 Ainda tenho o meu pai vivo
 Já me querem dar padrasto.
 Venha cá, ó meu pai,
 Muito eu tenho que contar,
 O conde da Alemanha
 Comigo queria brincar.
 Anda cá, ó minha filha,
 Vem me a por d'almoçar,

O conde é um rapaz nôvo
 É canalha quer brincar.
 Agarrou-me pela mão
 P'rá cama m' ia levar,
 Anda cá, ó minha filha,
 Vem-me a por de almoçar,
 Amanhã, por estas horas,
 O conde «êmos» degolar.
 Venha cá, ó minha mãe,
 Á janela do quintal,
 Venha ver o «Viscondinho» (?) (1)
 Já o estão a degolar,
 Venha cá, ó minha mãe,
 Venha à janela do meio,
 Venha a ver o «Viscondinho»
 Que vai com tanto asseio.
 Ó maldiçoada filha
 Mais o leite que mamaste,
 Era um conde tão lindo,
 Grande morte lhe causaste.
 Cale-se lá, ó minha mãe,
 Que não a ouçam na rua,
 A morte daquele conde,
 Havia de ser a sua.

3

Soldado que vais p'ra guerra

Igualmente, o P.^e Firmino Martins e o Abade de Baçal e, também, Leite de Vasconcelos colheram versões deste romance em terras de Trás-os-Montes e Alto Douro.

(1) A nossa informadora não nos soube dizer o significado deste termo.

Esta primeira versão ouvimo-la a uma velhota de Vila Nova de Foz Coa, e a segunda uma mocetona, em Felgar, concelho de Torre de Moncorvo.

Que tens ó triste soldado,	Não te espantes tu de mim,
Que tão triste andas na guerra?	Eu já fui a tua amada,
Que te lembra pai ou mãe.	De teu amor já servi.
Ou ares da tua terra.	Dá-me os sinais que levavas,
Não me lembra pai nem mãe,	Para me fintar em ti.
Nem ares da minha terra;	Levava saia de creme,
Só me lembra a minha amada,	Casaco de «crameline» (1)
Que ainda a lá deixei donzela.	Uma touca «aplissada» (2)
Pega lá este cavalo,	Foi coisa que eu nunca vi.
Para lá chegares mais depressa;	Vou vender êste cavalo,
Ó cabo de nove mezes,	Até me vendo a mim,
Soldado volta para a guerra.	Para mandar dizer missas,
Indo lá para diante,	Para te tirar daí.
O demónio encontrou;	Não vendas esse cavalo,
Por via da feira maldita,	Nem te vendas a ti,
O cavalo se espantou.	Quantas mais missas «disseres»,
Não te espantes, ó cavalo,	Mais penas são para mim.

4

Soldadinho

Que é que tens, ó soldadinho,	Chegou a meio do caminho,
Que andas tão triste na guerra?	Seu cavalo se espantou.
Que te morreu pai ou mãe,	Não te espantes, meu cavalo,
Ou gente da tua terra.	Não te espantes agora aqui,
Nem me morreu pai nem mãe.	Quero ver a minha amada,
Nem gente da minha terra,	Há dias que a não vi.
Só me lembra uma menina,	Tua amada já é morta,
Que a deixei e vim p'ra guerra.	Já lá vai para o Bonfim.
Se a tu queres ir a ver,	Diz-me o traje que levava,
Sete anos te darei;	Para meu fintar em ti:
Ao cabo dos sete anos,	As meias eram de sesa,
Soldado cá voltarei.	O vestido de setim,
Ele desde que isto ouviu,	O cinto que a apertava,
O seu cavalo montou;	Era de ouro e marfim.

(1) Idem.

(2) Idem.

5

Conde Nino

O P.^e Firmino Martins recolheu, no concelho de Vinhais, umas quatro ou cinco variantes deste, romance. Nós ouvimos esta versão à raparigaça, atrás citada, de Mateus — Vila Real.

*Indo o conde, conde Nino
Seu cavalo a banhar,
Enquanto o cavalo bebe,
Cantou um lindo cantar:
Bebe bebe, meu cavalo,
Que Deus te há-de livrar:
Dos trabalhos deste mundo,
Das canseiras de além mar.
Acorda, ó linda princesa,
Ouve tão doce cantar,
Ou são anjos do céu,
Ou a sereia do mar.
Não são os anjos do céu,
Nem a sereia do mar,
É o conde, conde Nino
Que contigo quer casar.
Palavras não eram ditas,
El-Rei de lá a bradar:
Se ele quer casar contigo,
Vou mandá-lo já matar,
Mande-me a mim degolar,
E enterre um e outro*

*Junto ao pé do altar.
Morreu sim, morreram ambos,
Foram ambos a enterrar,
D'um nasceu um pinheirinho,
E doutro um pinheiral.
Cresceu um, cresceram ambos,
As pontas foram juntar;
Ia El-Rei para o palácio,
Não o deixaram passar.
O rei então de zangado
As pontas mandou cortar.
D'um correram águas claras,
E doutro sangue real,
E dum nasceu uma pomba,
E doutro um pombo trugal.
Estava El-Rei no palácio
No ombro lhe iam pousar;
Mal haja tanto querer,
E mal haja tanto amar,
Que nem na vida, nem na morte
Eu os pude separar.*

6

Dona Silvera

Com este título registamos esta versão colhida em Vila Nova de Foz Coa e, a seguinte, com o nome de D. Silvana, recolhemo-la em Mateus (Vila Real). Ouvia-se, também, com certa frequência, nos nossos tempos de estudante, em Torre

de Moncorvo, há quase vinte anos. Em Trás-os-Montes e Alto Douro já o P.º Firmino Martins recolheu algumas versões deste romance, arquivadas no seu livro «Folclore do concelho de Vinhais».

Já lá vai D. Silvera,
Pelo corredor acima,
Tocando numa guitarra,
O estrondo que ela fazia.
Levantou-se o pai da cama,
A ver o que a filha tinha,
Que tens, ó D. Silvera,
Que tens ó filha minha?
De sete irmãos que «semos»,
Só eu sou a solteirinha.
Nas cortes não há ninguém,
Minha filha, que te sirva,
Só lá está o conde Albano,
Está casado tem família.
Esse mesmo, ó meu pai,
Esse mesmo é que eu queria;
Mande-o chamar, meu pai,
Para casar com sua filha.
Que quer Vossa Majestade,
Que quer Vossa Senhoria?
Quero que mates tua mulher
Para casar com minha filha;
E hás-de me trazer a cabeça
Nesta dourada bacia.
Conde Albano foi p'ra casa
Mais triste do que o dia.
Que tens tu, ó conde Albano,
Que te queria perguntar?
Disse-me o senhor rei,
Que te havia de mandar matar.
Manda-me para casa de meus pais,
Que eles ainda me aceitariam;
Manda-me meter numa torre
P'ra lá estar p'ra toda a vida,

Manda-me deitar aos montes
Que os bichos me comeriam.
Vem cá, ó filho mais velho,
Que te quero perguntar,
Cedo tens uma mãe nova;
Como lhe hão-de chamar?
Chamarei-lhe corvo negro,
E diacho infernal.
Isso não, meu filhinho,
Que te podem mandar matar.
Vem cá ó filho do meio,
Que te quero perguntar,
Cedo tens uma mãe nova,
Como etc.....
Vem cá, ó filho mais novo,
Que te quero perguntar,
Cedo etc.....
Mama mama, meu menino,
Este leite de bênção,
Amanhã, por esta hora,
Tu me verás no caixão.
Mama mama, meu menino,
Este leite de desterro,
Amanhã, por estas horas,
Tu me verás no enterro.
Mama mama, meu menino,
Este leite de amargura,
Amanhã, por estas horas,
Tu me verás na sepultura.
Tocam os sinos em Braga,
Ai Jesus! quem morreria?
Morreu a D. Silvana,
Pelos contos que metia.

7

Dona Silvana

Estando Dona Silvana,
 Chorando que lhes rompiam
 Passou o seu papá,
 Que tens tu ó minha filha?
 Das sete manas que éramos,
 Todas elas tem família;
 Eu por ser a mais formosa,
 Ao canto fiquei metida.
 Já corri sete reinados
 Não encontrei quem te merecia,
 Só o conde da Alemanha,
 Está casado e tem família.
 Oh rico pai da minha alma,
 Esse mesmo é que eu queria.
 Mandaremos o chamar
 À tua ordem e à minha.
 Vai o conde para o palácio.
 Que me quer que me queria?
 Quero que mates tua mulher,
 Para casares com minha filha.
 Eu matar minha mulher,
 Se ela a morte não merecia!
 Mata, conde, mata, conde,
 Senão tiramos-te a vida.
 Vai o conde para o palácio,
 Todo cheio de agonía.
 Mandou fechar as janelas,
 Coisa que nunca fazia.
 Mandou vestir as criadas
 Do maior luto que havia.
 Que tem, senhor conde,

Que tem Vossa Condesia;
 Conte-me a sua tristeza
 Que eu lhe conto alegria.
 Foram os dois para o jardim,
 Nem um nem outro colhia,
 As lágrimas eram tantas,
 Que pelo jardim corriam.
 Nesta conversa estavam,
 El-Rei à porta batia:
 Dá-me cá essa cabeça,
 Nesta dourada bacia.
 Anda cá, filha mais velha,
 Que te quero ensinar,
 Ainda tens outras mais novas,
 Para lhes saberes falar.
 Anda cá, filha do meio,
 Que te quero pentear,
 Amanhã, por estas horas,
 Tua mãe está-se a enterrar.
 Mama, mama, meu menino,
 Este leite de amargura,
 Amanhã, por estas horas,
 Tua mãe na sepultura.
 Tocam os sinos na Sé,
 Ai Jesus, quem morreria?
 Lá morreu a D. Silvana,
 Com o delito que metia.
 Um menino de três meses,
 Que maravilha teria.
 Viva o conde e a condessa
 A quem Deus mais queria.

8

O Cego

Esta xacara «O Cego» pudemos recolhê-la na freguesia de Carviçais, concelho de Torre de Moncorvo. Foi uma velhota,

muito vivaz, que no-la salmodeou. As duas versões que se seguem recolhemo-las uma em Felgar, do mesmo concelho e a outra ouvimo-la cantar a uma mulher de Longroiva, concelho da Meda.

Acorda, minha mãe,
Acorda se estás a dormir,
Se queres ouvir um cego
Cantar e pedir.
Dá-le do teu pão,
E dá-le do teu vinho,
Para que o pobre cego
Siga o seu caminho.
Não quero do seu pão,
Nem quero do seu vinho,
Quero que a sua Aninhas
Me ensine o caminho.
Ó Aninhas, pega nessa moca,
Carrega-a de linho,
Vai com o pobre cego,
Ensina-lhe o caminho.

Já desfiei a roca,
Acabei meu linho.
Adiante, ó cego,
Lá vai o caminho.
Anda, anda, Aninhas,
Mais um bocadinho,
Sou curto de vista,
Não vejo o caminho.
Valha-me Deus valha,
E à Virgem Sagrada,
Nunca vi um cego
De espada doirada.
A espada é minha,
E o cinto é vosso,
Aparte-se, ó menina,
Que eu d'amor não posso.

9

O Cego

Ó minha mãezinha,
Nem tanto dormir,
Venha ouvir o cego,
A cantar e a pedir.
Se ele cantar bem,
Dá-lhe pão e vinho;
Se ele cantar mal,
Dá-lhe mais pouquinho.
Nem quero o seu pão,
Nem quero o seu vinho,
Quero que a Rosinha
Me ensine o caminho.

Pega nessa roca,
Carrega-a de linho,
Vai com o triste cego,
Ensinar-lhe o caminho.
Quebrou-se a roca,
Acabou-se-lhe o linho,
Adiante, cego,
Lá vai o caminho.
Não me chames cego,
Que ainda vejo bem
Anda ali, Rosinha,
Ali, e além.

10

O ceguinho

Era meia noite,
 Quando o ladrão veio:
 Deram três pancadas
 À porta do meio.
 Abra-me essa porta,
 Feiche-me o postigo,
 Dê-me cá um lenço
 Que eu já venho ferido.
 Se você vem ferido,
 Vá-se lá embora,
 Que a minha portinha
 Não se lhe abre, agora.
 Levanta-te, ó filha,
 Com a roça e com o linho,
 Dá-lhe cinco reis,
 Dá-lhe pão e vinho.
 Não quero o seu pão,
 Nem quero o seu vinho,
 Quero uma menina
 Que me ensine o caminho.

Levanta-te, ó filha,
 Com a roça e com o linho,
 Vai ensinar o caminho
 Ó triste ceguinho.
 Desfiou-se a roça,
 Acabou-se o linho;
 Adiante, ó cego,
 Lá vai o caminho.
 Já que chegaste aqui,
 Chega mais além,
 Sou curto de vista,
 Não enxergo bem.
 Adeus, minhas casas,
 Com suas janelas,
 Adeus, minha mãe,
 Tão falsa me eras.
 Adeus, minha terra,
 Com seus olivais,
 Adeus, minha mãe
 Para nunca mais.

11

Santa Helena

Do romance Santa Iria recolhemos em Felgar uma versão, que em primeiro lugar se transcreve com o nome de Santa Helena, e ouvimos a outra versão, infra mencionada, com o nome de Helena a uma mulher de Longroiva, concelho da Meda.

Estando D. Helena
 À porta sentada,
 Passou um passageiro
 Pediu-lhe pousada.

Se meu pai lha desse,
 Estava bem dada;
 Assim deu-lha minha mãe,
 E eu não gostei nada.

Entrou pela porta adentro
 Logo se assentou,
 Encontrou a cama feita,
 Logo se deitou.
 Pela noite adiante,
 Passageiro pediu água,
 Helena, como mais velha,
 Levantou-se a dar-lha.
 Era meia-noite,
 A casa estava roubada,
 Todos apareciam
 Só Helena faltava.
 Andaram sete léguas
 Sem lhe dizer nada,
 Ao fim das sete léguas
 Perguntou-lhe como se chamava:
 Eu, na minha terra,
 Era Helena aventurada,
 E, agora, nos teus braços
 Sou Helena desgraçada.
 Puxou por o punhal

Logo ali a matou,
 Cubriu-a de fieitos,
 Logo ali a deixou.
 Esteve sete anos
 Sem ali voltar,
 Ao fim de sete anos,
 Voltou ali estar.
 Pastores, e pastoras,
 Que o gado guardais,
 Que ermida é aquela
 Que vós avistais?
 É da Santa Helena
 Que o malvado matou;
 Cubriu-a de fieitos
 Logo ali a deixou.
 Perdoa-me, Helena,
 Meu amor primeiro;
 Como te hei-de perdoar,
 Meu ladrão carniceiro,
 Se me degolaste
 Como um carneiro?

12

Helena

À porta sentada,
 Estando D. Helena
 Passou um passageiro
 Lhe pediu pousada.
 Se meu pai lha der,
 Está muito bem dada,
 Deu-lha minha mãe,
 Eu não gostei nada.
 Eram onze horas,
 Passageiro pediu água,
 Helena como mais nova
 Levantou-se a dar-lha.
 Era meia-noite,
 A casa estava roubada;
 Tudo aparecia,
 Helena faltava.
 Pastores, e pastoras,
 Que guardais o vosso gado,

Dizei-me que santa é aquela
 Que está naquele prado.
 É Santa Helena
 Que o assassino matou,
 Cubriu-a de fieitos,
 Ali a deixou.
 Ó Helena, Helena,
 Meu amor primeiro,
 Perdoa-me, Helena,
 Que sou teu romeiro.
 Como é que te hei-de perdoar,
 Ó maroto carniceiro,
 Que me degolaste
 Como um carneiro?
 Veste-te de azul,
 De vermelho encarnado,
 Se te perdoar Nosso Senhor,
 Por mim estás perdoado.

Generaldo

O P.^o Firmino Martins regista na sua obra «Folclore do concelho de Vinhais» duas versões com os nomes de Gerinaldo e Gerineldo. Nós ouvimo-lo com o título supra à já mencionada mulherzinha de Longroiva, concelho da Meda, a tia Adriana Martinho.

Não sabemos se o Douto Abade de Baçal, ou qualquer outro estudioso do folclore de Trás-os-Montes e Alto Douro, terão recolhido mais alguma versão nesta província.

Generaldo, Generaldo,
De honra mais querido,
Queres tu, ó Generaldo,
Uma noite dormir comigo?
Cale-se lá, minha senhora,
Não caçõe comigo.
Gerinaldo não caço-o
Fie-se naquilo que eu digo.
Diga lá, minha senhora,
A que horas lá hei-de ir.
Das dez para as onze,
Quando o papá estiver a dormir.
Eram as horas marcadas,
Generaldo deu o postigo,
Entraram os dois para o quarto
Como mulher e marido.
Seu pai sonhou um sonho,
Pela porta saiu:
Ou palácio roubado,
Ou com a filha dormiu,
Foi dar volta ao palácio,
Não encontrou nada bulido;
Foi ao quarto da filha
Generaldo lá metido.
Não te mato, Generaldo,
Criei-te de pequenino,
Não te mato, minha filha,
Temos o mundo perdido.

Aqui fica a minha espada,
No meio de vós metida,
Para saberes Generaldo,
Em que eu vim a dar contigo.
Acorda, ó Generaldo,
Ai de nós que estamos perdidos,
A espada de meu pai
No meio de nós metida.
Vai levar esta cartinha,
Escrita por minha mão,
Vai levá-la ao meu pai,
Que de nós tenha paixão.
Levá-la a seu pai não vou,
Sem a senhora ir comigo.
Anda lá, ó Generaldo,
Anda lá que eu vou contigo.
Donde vens, ó Generaldo,
Que vens tão descoradinho?
Venho de dar água aos cavalos
Que ainda não tinham bebido.
Não mintas, ó Generaldo,
Que ainda não tinhas mentido;
Vens de caçar uma rola,
Que ainda estava no ninho.
Essa rola que caçaste,
Foi criada no meu trigo,
Entre tu como mulher.
E ele a ti como marido.

Vamos terminar esta achega com a transcrição de Juliana, Joanhina e Linda Pastorinha recolhidos, respectivamente, nas freguesias de Longroiva, concelho da Meda e Larinho e Felgueiras do concelho de Torre de Moncorvo.

14

Juliana

Bons dias, ó Juliana,
Bons dias lh'eu venho dar,
Disseram-me, agora, ali,
Que Jorge se ia a casar.
É verdade, ó Juliana,
Já t'eu venho convidar,
No dia do meu casamento,
Se me queres acompanhar.
Espere aí ó Senhor Jorge,
Vou lá cima ó meu sobrado,

Buscar um copo de vinho,
Que eu já lho tinha guardado.
Que me destes, ó Juliana,
Dentro do copo de vinho,
Já tenho a vista escura,
Já não enxergo o caminho.
Coitada da minha mãe,
Julga que ainda estou vivo;
Também a minha julgava,
Que tu casavas comigo.

15

Joanhina

A Joanhina de Trás do Outeiro
Encontrou lá um carpinteiro;
Carpinteiro não,
Que me tranca a porta;
Quero um soldadinho,
Que marcha na tropa.
Soldadinho não,
Que só sabe passear;
Quero um barbeirinho,
Que sabe barbear.
Barbeirinho não,
Que aguça a navalha;
Quero um alfaiate,

Que me arredonda a saia.
Alfaiate não,
Que é um aldravão;
Quero um padeirinho,
Que amassa o pão.
Padeirinho não,
Que amassa o farelo;
Quero um ferreirinho,
Que bate um martelo.
Ferreirinho não,
Que é um preguiçoso;
Quero um estudantinho
Que é mais «amoroso».

16

Linda Pastorinha

Deus te salve, ó Rosa,
 Claro serafim,
 Linda pastorinha,
 Que fazes aqui?
 Eu a guardar gado,
 Que eu aqui perdi.
 Já nasci, senhor,
 Para este fim.
 Teu gado, menina,
 Eu aqui o trago,
 Olha, pastorinha,
 Teu belo criado.
 Olhe o que vem de grave,
 Com meias de seda;
 Olhe não as rompa
 Por essas estevas.
 Sapato e meia.
 Tudo rompereí,
 Para ver a menina,
 A vida darei.
 Vá-se daí, honesto,
 Não me dê tormento,

Não o posso ver,
 Nem por pensamento.
 Vá-se daí, honesto,
 Não me dê pesar,
 Está a chegar meu amo,
 A trazer o jantar.
 Se vier seu amo,
 Isso quero eu,
 Para que diga à menina,
 Que a namoro eu.
 Ó gente do povo,
 Acudi ao gado,
 Que lá foge a pastora,
 Com o seu namorado.
 Repara, ó Rosa,
 Do meu coração,
 Repara, ó Rosa,
 Que sou teu irmão.
 Eras meu irmão,
 E estavas-me com isso?
 Para ver se a pastora
 Tinha juízo.

17

Margarida

Por lapso deixávamos, já, de registar, neste modesto trabalho, o romance Margarida que recolhemos em Felgueiras do concelho de Torre de Moncorvo. Aqui fica.

Senhora que vai passando,
 Com a sua canastrinha,
 Deixe-me ver sua fruta,
 Se ela é bem madurinha.

A minha laranja é boa,
 Que todos a podem comprar,
 É laranja escolhida
 Para gente particular,

<p>Mas se o senhor duvida, Eu lh'a darei a provar. Será muita confiança Dar a laranja a provar. Poise, aqui, a canastrinha, Que lh'a quero provar. Deia-me cá cinco «testões» delas ⁽¹⁾ Escolhidas pela sua mão, Na conta das laranjas, Deia-me também um limão, Para tirar uma nódoa, Que tenho no coração Eu cá não tenho limões Nem macieira nem pereira, Só cá tenho laranjas Sou uma pobre regateira. Mas se o senhor duvida,</p>	<p>Vá as comprar à feira. Vai-te daí embora, Deixa-me ir à minha vida, Que ainda sou muito nova, Ainda sou rapariga; O nome como me trato, É o nome de Margarida. Margarida, lindo nome, Nome que tanto estimo, Tomar amores contigo, Era esse o meu destino; E o nome como me trato É o nome de Bernardino. Anda lá, Margarida, Vai por esse caminho direito, Manda fazer os vestidos, Que será p'ra teu proveito.</p>
---	---

Deixámos aos críticos o pronunciarem-se sobre o que aí fica. Não publicamos, aqui, alguns romances, que ainda possuímos, por nos parecerem os seus temas pouco literários, ou de mau gosto. Estes transcrevem-se, repetimos, tal qual se ouviram. Serão incorrectos uns e estarão outros incompletos?

Não interessa. Assim os ouvimos ao Zé Povinho na sua linguagem despreocupada e correntia.

Aos mestres consagrados nestes assuntos pedimos vénia por virmos «meter a foice em seara alheia» e, também, rogamos sejam benevolentes para este mais que modesto ensaio.

(1) Em vez de tostões.